



## **GESTÃO DEMOCRÁTICA: Abertura para a Acessibilidade do Sujeito de Identidade Surda Múltipla e Multifacetada nas Instituições de Ensino**

**Sheila Batista Maia Santos<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Catarina, Graduação em Letras  
Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão, Especialização em Libras  
Universidade Federal da Bahia

### **Resumo**

No presente artigo refletimos sobre Gestão Democrática, Projeto Político Pedagógico e Currículo na interface das representações lingüísticas e sócio-antropológicas dos Sujeitos de Identidades Surdas Múltiplas e Multifacetadas no processo de inclusão. Para isto foi feito um levantamento bibliográfico com autores que referendam as temáticas: coordenação pedagógica, educação e surdez - na perspectiva das identidades culturais na pós-modernidade -, Lei 10.436/2002 e do Decreto 5626/2005. Assim, as implementações apontadas fundamentam-se nas idiosincrasias destes sujeitos: língua materna - Língua de Sinais -, historicidade, cultura, identidade, pedagogia surda, e Língua Portuguesa como segunda língua.

**Palavras-chave:** Gestão Democrática. Acessibilidade. Língua Materna e Segunda língua. Identidade, Cultura e Pedagogia Surda.

### **Abstract**

**Democratic Management: Opening accessibility for subject of deaf identity multiple and multi-faceted in the regular education**

In this article we reflect on Democratic Management, Political Pedagogical Project and Curriculum at the interface representations and socio-anthropological Subjects' Identity Deaf multiple and multifaceted process of inclusion. To this was done a literature with authors who endorse the following themes: education supervision, education and deafness - from the perspective of cultural identities in post-modernity, of Decree Law 10436/2002 and 5626/2005. Thus, the implementations identified based upon the idiosyncrasies of these subjects: native language - sign language - history, culture, identity, pedagogy deaf, and Portuguese as a second language.

**Key words:** Democratic Management. Accessibility. First Language and Second Language. Identity, Culture and Deaf Education.

---

<sup>1</sup> Especialista em Coordenação Pedagógica, graduada em Normal Superior, graduanda (UFSC) e pós-graduanda (IBPEX) em Língua Brasileira de Sinais, faz parte da Comunidade Surda, atua como professora de Libras no nível superior: graduação e especialização; palestras na área da Língua Brasileira de Sinais; é Tradutora e Intérprete de Libras da Universidade Federal da Bahia. [sheilabmsantos@hotmail.com](mailto:sheilabmsantos@hotmail.com) e <http://lattes.cnpq.br/7213087258602843>

## Introdução

Para se pensar em gestão democrática nas instituições de ensino, em primeiro lugar precisa-se considerar que os princípios da educação habitam nas esferas do amor, solidariedade e compartilhamento.

Em seguida, focalizar as relações de ensino/aprendizagem considerando as iniciativas para a construção do perfil do aluno em uma perspectiva holística: desenvolvimento pessoal/cognicente, criticidade/politicidade e as interferências/participações na escrita da história da sociedade e da humanidade.

Tendo em vista estas elucubrações, referimo-nos à imprescindibilidade de uma gestão de qualidade nestes espaços destinados à educação institucionalizada, gestão esta, numa perspectiva etimológica latina que leva-nos ao conceito de executar, servir e ajudar - que na verdade sua mediação é a condição *sine qua nom* para que a satisfação no processo educativo seja traçada e alcançada.

Fazendo o recorte para a acessibilidade dos sujeitos de identidades surdas múltiplas e multifacetadas nestes espaços de ensino/aprendizagem, a início o gestor tem ao alcance a Declaração de Jomtien que reza sobre a “Educação para Todos” e a Declaração de Salamanca que referenda sobre: Princípios, Política e Prática na Área das Necessidades Educativas Especiais.

Passada esta etapa, os fundamentos da gestão democrática podem levar o gestor a considerar as resoluções do governo brasileiro - que se mostrou favorável às diversas manifestações da Comunidade Surda do Brasil sobre a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais como a Língua Materna do Povo<sup>2</sup> de Identidade Surda Múltipla e Multifacetada<sup>3</sup> da nação – através da Lei 10.436/2002 e do Decreto 5626/2005, e a colher as informações pedagógicas, metodológicas e didáticas para este atendimento diferenciado a partir das falas destes indivíduos surdos.

A diferença linguística e cultural é atribuição inerente a estes sujeitos, por isto, a coleta de suas próprias colocações, opiniões e intervenções nas construções dos projetos políticos pedagógicos e currículos tendem a garantir o bom desempenho na sua vida acadêmica.

“Gestão Democrática: Abertura para a Acessibilidade do Sujeito de Identidade Surda Múltipla e Multifacetada nas Instituições de Ensino”, nesta vertente das identidades culturais na pós-modernidade, torna-se imprescindível, devido à disposição de estudar sobre os grupos multiculturais e a alteridade que fazem parte do novo cenário discente destas instituições, e

---

<sup>2</sup> Segundo a Dr<sup>a</sup>. Karin Strobel, a qual tem Identidade Surda, Povo Surdo é a expressão usada pelos Sujeitos de Identidades Surdas para identificar-se e se posicionar politicamente, enquanto possuidores em comum de uma história, cultura, tradições, identidade, língua e interesses, independente de ocuparem espaços geográficos e temporalidades distintas.

<sup>3</sup> Referendando a Dr<sup>a</sup>. Gladis Teresinha Taschetto Perlin (Surda) foram identificadas sete tipos de Identidades Surdas: Política, Híbrida, Flutuante, Embaçada, Transição, Diáspora e Intermediária.

assim, inserir suas idiossincrasias nas adaptações dos projetos políticos pedagógicos e currículo.

## **Gestão Democrática e o Gestor**

De acordo com Sarubi, alguns temas estruturam o modelo gestão democrática, como:

Gestão Democrática é contida de alguns temas, como: escolha de diretores escolares; autonomia escolar; os processos de descentralização administrativa, financeira e pedagógica; os colegiados (constituição e funcionamento); participação dos docentes e demais funcionários da escola, das famílias e da comunidade na gestão escolar; crítica ao tecnicismo, administração escolar; análise do modo de produção capitalista, dos processos de descentralização/globalização; organização e gestão democrática. (2004, p. 3)

Visando a abertura da acessibilidade do sujeito de identidade surda múltipla e multifacetada nas instituições de ensino, direcionamos o escopo para o tópico da participação dos docentes e demais funcionários da escola, das famílias e da comunidade na gestão da escola; todavia, fazemos o recorte para as contribuições do sujeito surdo no projeto político pedagógico e no currículo.

As novas mudanças sociais que incluem as identidades culturais na pós-modernidade requerem uma nova tessitura paradigmática re-significando as práticas pedagógicas.

Não obstante, esta emergente realidade é acompanhada de momentos de desestruturação para uma nova fase de reconstrução. Hall define esse estágio como

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (2005, não paginado)

Entretanto, esse período perdura até que seja compreendido como mediador das necessidades didáticas, metodológicas e pedagógicas do indivíduo surdo.

Quando o gestor se propõe a ouvir a voz do surdo e pautar suas ações enlaçadas com as falas destes indivíduos, ele está oportunizando o crescimento pessoal e cognitivo desse discente, e validando aquilo que entendemos por gestão democrática, perpassando pelos méritos de um serviço que tem o perfil de garantir o atendimento a todos os estudantes sem exceção.

O campo educacional defendeu a inclusão do princípio da gestão democrática na Constituição, formalizada para as escolas oficiais no art. 206, VI da Constituição Federal de 1988 e recolocado no art. 3º, VIII da LDB de 1996. No conjunto da LDB, a vinculação entre teoria e prática é colocado como próprio da educação. Assim, apenas através de uma prática que articule a participação de todos, o desempenho administrativo-pedagógico e o compromisso sócio-político é efetiva uma gestão democrática. A gestão democrática expressa a vontade de crescimento tanto dos cidadãos, quanto da sociedade, enquanto sociedade democrática, sendo assim, a representação de uma gestão de uma administração concreta, que nasce e cresce com o outro. (SARUBI, 2004, p. 4)

O reconhecimento da alteridade do povo surdo e dos desdobramentos da composição de uma educação fundamentada na metodologia, didática e pedagogia específica para estes sujeitos faz com que se criem novas iniciativas com ações fundamentadas no saber fazer<sup>4</sup>, na organização dos espaços educativos e pedagógicos de acordo com a natureza desse novo momento educacional que o Brasil vivencia: a acessibilidade.

O gestor tem como ponto de partida as reais necessidades educativas, e envoltas a elas estão as esferas econômicas, históricas, sócio-antropológicas, culturais e também linguísticas.

Ao citarmos o lexema: “linguística” fica uma questão que sempre nos intrigará: como o gestor pode garantir a inclusão dos sujeitos de identidades surdas múltiplas e multifacetadas nas instituições de ensino, fundamentando-se nas diferenças linguísticas, e consequentemente culturais, existentes para este povo no tocante à sua língua materna?

As necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos são diversas, e devem ser atendidas mediante uma variedade de sistemas. Os programas de alfabetização são indispensáveis, dado que saber ler e escrever constitui-se uma capacidade necessária em si mesma, sendo ainda o fundamento de outras habilidades vitais. A alfabetização na língua materna fortalece a identidade e a herança cultural. (Declaração de Jomtien, Art. 5, 1990, p. 4)

## As idiossincrasias do Povo Surdo

Apontamos em número de três as peculiaridades dos sujeitos surdos para indicá-las no processo educativo: identidade, cultura e pedagogia específica para surdos.

---

<sup>4</sup> Lembrando dos Quatro Pilares da Educação.

O conceito de identidade está diretamente ligado com as possibilidades de fragmentação das subjetividades em que o sujeito surdo conquistou uma libertação e afirmação diante das opressões educativas ouvintistas. O surdo valida a condição de não ser este outro - o ouvinte - mas, de um ser regado de historicidade, politicidade, resistências em defesa de sua condição de ser surdo, de expressar-se, perceber-se, sentir-se, e posicionar-se através de sua língua de sinais.

A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas e assim o sujeito em certo sentido realiza uma mudança ao adquirir experiências, prazeres, memória e tradições surdas. Um exemplo disto é que os surdos que frequentam a associação de surdos trazem consigo uma gama de ritmos da vida, modos naturais e espontâneos de articular as práticas cotidianas, modo de ler o mundo criticamente ou ao seu jeito de ser surdo. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 38)

É neste campo de resistências, história e política que se esboçam as múltiplas e multifacetadas identidades surdas. As identidades surdas nascem e se manifestam nessa perspectiva de não aceitar ser o outro, onde na verdade, ainda que se deseje ser o outro - ouvinte -, ele não o seria, pois, as possibilidades de medicalização da surdez não garantem em absoluto a homogeneidade de ser um igual ao ouvinte, mas, apenas semelhante. Quando existe algum êxito nas alternativas de medicalização da surdez, ao se tirar a prótese auditiva continua a ser surdo; ao tirar a antena do Implante coclear, continua a ser surdo; logo, a interpretação no sentir-se e narrar-se surdo altera-se a partir de cada experiência de vida diante das tentativas de ser ouvinte ou da aceitação de conceituar-se surdo.

Neste caso, a autenticidade da subjetividade no dia-a-dia em narrar-se surdo e ter uma língua própria é tranquilamente aceitável em oposição a constante simulação de ser ouvinte. No entanto, é necessário mais uma vez apontar, que os diferentes jeitos de ser surdo diz respeito apenas à subjetividade de cada ser, por isso, que as identidades são múltiplas e multifacetadas. Pois, há surdos que sentem-se bem em apresentar-se como deficiente auditivo, e isso, é muito particular, e deve ser intocável.

A segunda consideração sobre a alteridade surda diz respeito à cultura surda.

Cultura surda é o jeito de o sujeito entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. /.../ o essencial é entendermos que cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores, e de comportamentos. O que e quais seriam estas normas e valores

que tanto fazemos referência neste livro? Por que os sujeitos surdos se comportam diferente dos sujeitos ouvintes? (STROBEL, 2008, p. 24)

De acordo com os estudos de Strobel (2008, p. 37) existem oito artefatos<sup>5</sup> da cultura surda. Estes artefatos apontam ao gestor a inquestionabilidade de reestruturação paradigmática nos projetos políticos pedagógicos e nos currículos para adequar-se aos parâmetros da cultura surda, em que muitas vezes as práticas educativas de ouvintes não conseguem chegar ao cerne de uma verdadeira relação interpessoal com o surdo.

Através do artefato cultural visual Strobel deixa esta desarticulação bem clara.

Uma vez meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele, era um ambiente escuro com velas e flores no meio da mesa, fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que me falava por causa da falta de iluminação, pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música que, sem poder escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa do movimento dos dedos repetidos de vai-e-vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria! (2008, p. 38)

O último tópico considerado nesta obra referenda a especificidade da pedagogia específica para surdos. Documentada na historicidade do surdo encontramos cinco modelos educacionais.

O mais polêmico deles foi o Oralismo, que encontrou aprovação por votação no Congresso Mundial de Professores de Surdos em 1880, trazendo sobre a educação institucionalizada de surdos um método colonizador.

Nesse Congresso, que no momento de deliberação não contava com a participação nem com a opinião da minoria interessada - os surdos -, um grupo de ouvintes impôs a superioridade da língua oral sobre a língua de sinais e decretou que a primeira deveria constituir o único objetivo do ensino. A discussão foi extremamente agitada e, por ampla maioria, o Congresso declarou que o método oral, na educação de surdos, deveria ser preferido em relação ao gestual, pois as palavras eram para os ouvintes indubitavelmente superiores aos gestos. (QUADROS, 2006, p. 26)

---

<sup>5</sup> Experiência Visual, Linguístico, Familiar, Literatura Surda, Vida Social e Esportiva, Artes Visuais, Político e Materiais.

O modelo educacional seguinte - Comunicação Total - surgiu como tentativa de compor uma contextura finalizada a fechar lacunas advindas do modelo anterior, no entanto, a prioridade desta educação voltava-se para a aquisição da língua de modalidade oral-auditiva.

Consideremos agora um pouco mais atentamente alguns dos recursos da comunicação total que ajudaram a melhorar o desempenho acadêmico das crianças surdas. Os sistemas de sinais podem basear-se no vocabulário da língua de sinais, mas adicionar a ele aspectos da língua falada, ou então podem adotar um vocabulário artificial. Sua característica mais importante é que neles a ordem de produção dos sinais sempre segue a ordem da produção das palavras da língua falada, que é produzida simultaneamente. Sistemas de sinais podem ser empregados simultaneamente à língua falada, e permitem transmitir à criança surda algumas das regras das línguas faladas que aparecerão na escrita que ela deverá aprender. Assim, a estrutura das sentenças construídas por meio de sistemas de sinais transfere-se mais facilmente à língua escrita do que daquelas em língua de sinais. (CAPOVILLA, 2000, p. 7)

O Bilinguismo é o terceiro modelo na linha do tempo, que consiste em aquisição de duas línguas: língua de sinais e língua oral. Atualmente, algumas escolas têm aceitado essa modalidade por considerarem a Língua de Sinais como a primeira língua do Povo Surdo, garantindo o ensino mediante sua língua materna/L1 e possibilitando a construção do conhecimento por esta língua. Mas, falar em Bilinguismo, não é tão simplório, por várias ideologias estarem subliminarmente presentes nos discursos. O perigo incide se de fato a intencionalidade do ensino/aprendizagem é com função social real: a aceitação da Língua de Sinais no uso/ensino/aprendizagem ou se Língua de Sinais é apenas um subterfúgio para alcançar a aquisição da língua majoritária oral.

A propuesta de educación bilingüe para sordos puede ser definida, desde una perspectiva política, como el desarrollo de una epistemología de oposición a los discursos y a las prácticas clínicas hegemónicas, características de la educación y la escolarización de los sordos desde mediados del siglo XVIII. Esta definición, todavía imprecisa, sugiere que la educación bilingüe para sordos es algo más que el dominio, en algún nivel, de dos lenguas. Existe en torno de ella un debate polémico, antes impensado, sobre el problema de las identidades, el multiculturalismo, las relaciones de poder y de conocimiento, la conceptualización de la sordera como diferencia política, etc., que la educación bilingüe para sordos ha generado, aún sin proponérselo explícitamente. (SKLIAR, 1998, não paginado)

O quarto modelo - Mediação Intercultural - é onde o sujeito Surdo posiciona-se frente às diferentes culturas e as peculiaridades que lhes são intrínsecas. É uma relação de trocas e aceitação de culturas.

O procedimento da mediação cultural não rejeita a cultura ouvinte. A cultura ouvinte está aí como cultura, e a metodologia arma estratégias para a posição de diferença, para a afirmação cultural. Neste procedimento o processo inverte a relação de regulação. Não é mais o ouvinte que regula o surdo, que por sua vez não é mais o anômalo ou o excluído na sua inferioridade. É a cultura surda que regula o surdo em direção a seu ser diferente e a sua defesa diante daquilo que pode ser chamado de práticas discriminatórias, que mapeiam populações sobre marcas visíveis e transparentes de poder que as mantém na subalteridade. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 29-31)

Por último, está a Pedagogia Surda - modelo defendido pelo surdo - o cerne da alma discente surda.

Assim a virada para a pedagogia do surdo tem sido apresentada como uma ruptura no universo teórico da educação que detém o modelo ouvinte. A transgressão pedagógica que realizamos não nos apavora, mas nos identifica, nos dá a sensação de que é isso que queremos. De fato, alguns aspectos cambiantes fazem desaparecer a pedagogia ouvinte de tal forma presente nos discursos narrativos fruto de agências coloniais. (PERLIN, 2006, p. 5)

A fala da Perlin representa celebração, gritos de libertação, brados de conquistas, diante da trajetória de inadequações pedagógicas. Esta fala precisa ser reconhecida pelos gestores na finalidade de apresentar novos jeitos do fazer pedagógico, tendo como base os desastres, as resistências, as persistências e as lutas por reconhecimentos e aceitações nas necessidades de adequações curriculares, metodológicas, pedagógicas e didáticas específicas para surdos.

A Pedagogia Surda, não tem a finalidade de propor um modelo a ser seguido, mas, um caminho pelo qual podemos ou devemos percorrer para atender de maneira satisfatória este sujeito, considerando todos os Artefatos Culturais que são essencialmente a vida das Identidades Surdas.

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura /.../ Pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social. (MACHADO, 2008, p. 78)

Ainda nesse viés, destacamos a Língua Portuguesa como L2 para surdos. Ela precisa ser compreendida e aceita por parte dos gestores e educadores. E a sua validade somente será imbuída de significado se for

ensinada com a característica de língua estrangeira, com função de caráter sócio-real, o que denota diferença nas formas de ensinar em paralelo com a didática para alunos ouvintes.

As atividades sugeridas aos professores objetivam chegar na leitura e escritura da língua portuguesa como segunda língua. Assim, as atividades sempre são antecedidas pela leitura de textos em sinais. A leitura precisa estar contextualizada. Os alunos que estão se alfabetizando em uma segunda língua precisam ter condições de “compreender” o texto. Isso significa que o professor vai precisar dar instrumentos para o seu aluno chegar à compreensão. Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto. (QUADROS, 2006, p. 40)

## **Projeto Político Pedagógico e Currículo**

Doravante, trataremos sobre as adequações no Projeto Político Pedagógico (PPP) e no Currículo para atender a especificidade da surdez.

É importante, no entanto, frisar que o sucesso do PPP de uma escola depende de uma ousadia em mostrar seu próprio rosto, vestir a camisa, assumir seu papel no tempo e no espaço. Não basta trocar de teoria, buscar uma teoria mágica que vá salvar a escola. O mais importante é construir um PPP voltado para o futuro sem dar as costas ao passado, reconstruindo sua própria história. Um instrumento de transformação da realidade que provoque mudanças de paradigmas e de atitudes. O PPP é hoje, concretamente, uma potente ferramenta teórica-metodológica de transformação da realidade educacional, ou seja, é uma meditação que ajuda a organizar e expressar o desejado e o vivido, tomar consciência da distância entre ambas, bem como diminuir essa distância. (BORDONI, 2004, p. 1-2)

As implicações da aceitação da acessibilidade na concepção defendida pelos estudos surdos - surdez como diferença linguística e sócio-antropológica -, faz-nos dialogar sobre a pedagogia, cultura e identidades surdas. Trazendo a voz do surdo para este evento de construção do Projeto Político Pedagógico, a escola é fomentada a proporcionar espaços de representações das identidades surdas, responder com práticas perguntas como: o que o discente surdo espera da escola, quais atividades seriam propícias à educação de surdos, e quais as responsabilidades da escola, dos pais, e destes discentes nessa caminhada acadêmica?

São reflexões que mexem com as estruturas da instituição, todavia, esta evolução - que sempre é carregada de desafios, desorganizações e reorganizações - permite que se abram realmente as portas para uma educação supridora das necessidades educativas dos surdos.

Toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o. As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas que podem constituir verdadeiras metamorfoses. De qualquer maneira, não há evolução que não seja desorganizadora/reorganizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose. (MORIN, 2000, p. 79)

Estas elucubrações filosóficas remetem para algumas perguntas: qual realmente é a função social da escola? O “empoderamento” do discente surdo é o escopo da instituição?

Tanto o Projeto Político Pedagógico quanto o Currículo precisam emergir da própria realidade de atender o sujeito surdo.

Assim, os Estudos Surdos se incluem entre os temas multiculturais. Estes, por sua vez, se incluem no debate sobre a democratização das relações de poder nas sociedades de modo geral. As lutas políticas que estes conceitos demandam, contribuem para as tentativas de negação dos preconceitos que se têm sobre os surdos, mas, estas lutas e estes novos conceitos ainda não conseguiram quebrar as resistências no “sistema brasileiro de ensino”, pois seus gestores se crêem conhecedores das melhores maneiras de se educar um surdo, no entanto, estes mesmos - os surdos - geralmente não são chamados ao menos a expressar sua opinião sobre o projeto educacional e sobre as políticas educativas mais adequadas a atender à sua especificidade. (SÁ, 2006, p. 6)

Pois, a pretensão da educação é garantir competências e habilidades ao perfil do egresso a fim de contemplar posturas de cidadãos participativos das conquistas sociais.

Ao ter que enfrentar as mudanças não devemos pensar que seria uma utopia, algo intangível, mas, entender que os espaços educativos são ambiências propícias a projetos, amor, ousadia e sonhos, segundo Freire, a escola é:

Escola é... o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos... Escola é sobretudo, gente, Gente que trabalha, que estuda. Que alegra, se conhece, se estima. O Diretor é gente, O coordenador é gente, O professor é gente, O aluno é gente, Cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor Na medida em que cada um se comporte Como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados” Nada de conviver com as pessoas e depois, Descobrir que não

tem amizade a ninguém. Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, É conviver, é se “amarrar nela”! Ora é lógico... Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer, Fazer amigos, educar-se, ser feliz. É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo. (Paulo Freire)

## Considerações Finais

Esta obra: “Gestão Democrática: Abertura para a Acessibilidade do Sujeito de Identidade Surda Múltipla e Multifacetada nas Instituições de Ensino”, fundamentou-se na diferenças linguísticas e culturais do Povo Surdo para otimizar possíveis soluções na educação de surdos.

A relevância desta composição encontrou-se em que a fala da autora não veio de sua própria inspiração, contudo, das colocações dos sujeitos surdos, tratando sobre os artefatos da identidade, história, cultura e Língua de Sinais e pedagogia específica para surdos, mostrando ao gestor sobre a necessidade de conhecer e aceitar as idiosincrasias destes sujeitos, para assim, poder implementá-las no Projeto Político Pedagógico e no Currículo.

As questões sobre língua materna do surdo precisam mudar todo o quadro educativo de uma população que muitas vezes foi e ainda continua sendo excluída, através da falta de planejamentos, metodologias, didáticas e pedagogias que preferenciem sua diferença linguística e historicidade político-cultural.

Na verdade, quem bem conhece e convive com os Surdos, vivencia suas habilidades e inteligência, reconhece que os problemas encontrados no seu histórico acadêmico não passam de lacunas e deficiências do sistema educacional que nunca foi feito, planejado e idealizado considerando toda a alteridade de suas especificidades educativas linguístico-culturais.

E mesmo com as conquistas que foram feitas como a Lei de Libras 10.436/2002 e o Decreto 5626/2005, parece-nos que se aplica a frase do compositor Lulu Santos: “Assim caminha a humanidade com passos de formiga e sem vontade”.

Oxalá, fossêmos tão sábios, prudentes e precavidos quanto as formigas, e déssemos condições para que o inverno dos indivíduos surdos fosse próspero como o verão, e conduzir o estudante para que siga mais adiante, como a indicação da frase latina: *citius, altius, fortius*.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> 'Citius, Altius, Fortius' significa – no grego: 'O Mais Rápido, O Mais Alto, O Mais Forte. É uma frase latina, que teve como criador o Pe. Henri Martin, ela descrevia as realizações de atletismo dos alunos do Albert Le Grand School. Na entrada principal da escola tinha uma pedra com esta frase gravada.

Pois, de acordo com Padden e Humphries (2000, apud STROBEL, 2008, p. 30), todos podem fazer parte da Comunidade Surda:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com pessoas Surdas para os alcançar.

## Referências

BRASIL. Decreto 5.626/2005. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm).

Acesso em: 10 de maio de 2010.

BRASIL. Lei 10.436/2002. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

BORDONI, Paulo Roberto. Considerações sobre o Projeto Político Pedagógico – PPP. Revista eletrônica **Gestão Universitaria, companhia da escola**. 12 maio 2004. Disponível em:

<http://www.gestaouniversitaria.com.br/edicoes/17-14/62-consideracoes-sobre-o-projeto-politico-pedagogico---ppp.html>. Acesso em: 05 de maio de 2010.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias Educacionais em Relação ao Surdo: do Oralismo a Comunicação Total ao Bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, n.1. São Paulo, 2000.

DECLARAÇÃO DE **JOMTIEN**. Declaração Mundial sobre Educação para Todos, Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Tailândia, 1990. Disponível em:

[http://www.geledes.org.br/attachments/545\\_declaracaojomtien\\_tailandia.pdf](http://www.geledes.org.br/attachments/545_declaracaojomtien_tailandia.pdf).

Acesso em: 10 de maio de 2010.

DECLARAÇÃO DE **SALAMANCA**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha, 1994. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

FREIRE, Paulo. Escola é. Poesia do educador Paulo Freire, retirada da

**Revista Nova Escola**, jun/jul 2003. Disponível em:

<http://educandocomocoracao.blogspot.com/2009/04/poesia-paulo-freire.html>.

Acesso em: 08 de maio de 2010.



HALL, Stuart. **A Identidade em Questão, Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 2005. Disponível em:  
<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>. Acesso em: 06 de maio de 2010.

MACHADO, Paulo César. **A política Educacional de Integração/Inclusão – Um Olhar do Egresso Surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **Identidades Surdas**. Disponível em:  
[http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&cod\\_canal=11](http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&cod_canal=11). Acesso em: 12 de dezembro de 2001.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **Surdos: Cultura e Pedagogia**. Disponível em: <http://www.rizoma3.ufsc.br/textos/275.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2010.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira, Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Muller, **Estudos Surdos I**. Petrópolis (RJ): Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS, Ronice Muller, **Estudos Surdos II**. Petrópolis (RJ): Editora Arara Azul, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

SANTOS, Lulu. **Assim Caminha a Humanidade**. 1994. 1 CD. Disponível em:  
<http://vagalume.uol.com.br/lulu-santos/assim-caminha-a-humanidade.html>. Acesso em: 08 de maio de 2010.

SARUBI, Érica Rocha. A Gestão Democrática da Educação no Brasil: alguns apontamentos. Revista Eletrônica **Trabalho e Educação em Perspectiva**, 2004. Disponível em:  
<http://www.fae.ufmg.br/cadernotextos/backup/artigos/artigoVIII.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2009.



SKLIAR, Carlos. Una mirada crítica sobre la educación bilingüe para sordos. Políticas de las identidades sordas y multiculturalismo. **I Congresso Ibero-Americano**, Lisboa, Portugal, julho de 1998.

STROBEL, Karin. **As Imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Enviado em: 25/11/2009

Aceito em: 10/05/2009